

NOTÍCIA SOBRE O GRUPO MODERNISTA DE MINAS

José Bezerra Gomes¹

Quando há uns quatro anos vim estudar Direito em Belo Horizonte, conhecia apenas dois nomes dos intelectuais vivos de Minas e esses mesmos de referência, através da crítica: o de Eduardo Frieiro e o de Carlos Drummond de Andrade. Sabia que um era romancista e o outro poeta. O primeiro tinha escrito *O mameluco Boa Ventura* e um outro romance, e o segundo tinha publicado *Alguma poesia*, um livro de versos modernistas.

E só muito tempo depois de minha chegada a Minas fiquei conhecendo Eduardo Frieiro e Carlos Drummond de Andrade verdadeiramente. Foi quando deixei de me interessar só pelos intelectuais de fora e fui me interessando também pelos de Minas.

Comecei lendo as obras de Eduardo Frieiro, o escritor torturado à maneira de Flaubert e como tal é hoje um escritor ímpar em Minas e mesmo no Brasil todo. Depois passei para os poemas de Carlos Drummond de Andrade, uma das maiores expressões poéticas do modernismo no Brasil, que *Alguma poesia* revelou e *Brejo das almas* veio confirmar. E acabei lendo quase todos os do chamado grupo modernista de Minas: João Alphonsus, Emílio Moura, Wellington Brandão, Abgar Regnault e outros.

É justamente sobre eles, muito menos conhecidos fora de Minas do que Frieiro e Carlos Drummond, que vou escrever agora.

João Alphonsus é o que se pode chamar a preguiça em pessoa para escrever. É dos que nunca escrevem ou só escrevem quando têm muito tempo diante de si e muita coisa para escrever. Por isso, tudo quanto sai da sua pena é pouco, muito pouco, mas bom, muito bom. Nunca vi qualquer coisa de João Alphonsus que não fosse interessante. O seu *Galinha Cega*, publicado em trinta e um, é um livro de contos que lembra pelo novo, pelo vivo e pela força de abarcar o assunto, os melhores de Oswald e

¹ O ficcionista e poeta José Bezerra Gomes (1911-1982) nasceu em Currais Novos-RN e era bacharel em Direito pela Faculdade de Direito na Universidade de Minas Gerais (Atual UFMG). Publicou os romances *Os Brutos* (1938) e *A Porta e o Vento* (1974), além de uma *Antologia Poética* (1974). A Editora da UFRN (EDUFRN) publicou as suas *Obras reunidas* (Romances, 1998; Ensaios, 2004). O artigo “Notícia sobre o grupo modernista de Minas” foi publicado originalmente no periódico *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, p. 280, jul. 1935.

Mário de Andrade. Mas depois disso, de *Galinha Cega*, que a gente saiba, não falou mais noutro livro.

Emílio Moura, um grande poeta e uma das criaturas melhores que eu conheço, é outro retraído, outro fechado. *Ingenuidade*, livro de poemas de uma força lírica lembrando muitas vezes um Schmidt ou um Bandeira, é de trinta e um. Depois ainda andou dando para a imprensa amiga, isso mesmo com muita reserva e muita sobriedade, um ou outro poema. Tem inéditos, prontos, dois livros, sendo um de hai-kais, mas não fala em publicá-los. É assim.

Ainda o ano passado Abgar Renault e Wellington Brandão andaram publicando uns poemas. Tanto *Literatura* como *Surto* trouxeram uns poemas de fundo lírico do primeiro e *Rumo* trouxe um poema ou dois de fundo revolucionário do segundo. De Wellington Brandão, tudo o que tenho lido revela um grande espírito, chamando para si, para sua poesia as:

...almas que o mundo crucificou na incompreensão,
almas que se queimam no silêncio dos muros espessos
do sacrifício que ninguém percebe.
Vinde a mim e derrame a vossa dor
no estuário imenso do meu coração.
Dai-me as vossas mãos, ó irmãos,
ó irmãos que não conheço e amo até às lágrimas!
dai-me as vossas mãos e formemos
uma cadeia de mãos que se estremeçam de simpatia
e se apertem, no heroico anseio de comungar as horas de agonia!
.....

Os seus versos guardam sempre esse tom vindo de uma grande força exterior de que está possuído, transbordando. E nisso Wellington Brandão se distancia de quase todos os outros do grupo, voltados ainda para si, para o intimismo de sua poesia e de sua prosa.

Há ainda outras forças intelectuais no grupo de Minas, entre elas Cyro dos Anjos e Guilhermino Cesar, que o jornalismo e a burocracia têm absorvido. Guilhermino Cesar, que veio do grupo *Verde*, de Cataguases, onde fez o curso ginasial e partilhou do movimento modernista ao lado de Rosário Fusco, Henrique de Rezende, Francisco Ignácio Peixoto e Ascânio Lopes, é um dos nomes da imprensa belo-horizontina. E Cyro dos Anjos, que ainda há pouco tempo fazia crônicas para o *Estado de Minas*, é um espírito vivo e interessante.

Vou fechar esta notícia com o nome de um grande artista: o de Del-pino Júnior, a maior expressão da arte nova em Minas e um dos maiores desenhistas vivos que já conheci. Hoje quase não desenha mais, quase não sai mais de casa, isolado de um mundo pequeno e reacionário demais para o seu grande talento de artista revolucionário. Quando me levaram um dia à casa de Del-pino para conhecê-lo, fazia poucos dias que tinha desenhado num dos seus grandes momentos, à carvão, na parede do quarto, um Lenine que só faltava falar e que depois de ser fotografado por um amigo de Del-pino andou sendo espalhadíssimo. Foi daí que Del-pino ficou sendo uma das minhas admirações e uma das minhas amizadas.

Mas já é tempo de dizer que o grupo de Minas, que vem do modernismo, continua ainda, na sua maioria, fazendo modernismo, por assim dizer. E o modernismo é uma coisa que vai ficando tão grave para nós como o gramaticismo do acadêmico Laudelino Freire. Hoje, no Brasil, acho que só o grupo de *Festa* ainda faz modernismo.

O próprio Mário de Andrade, a quem o grupo de Minas estava tão intimamente ligado, já viu isso e tomou rumo novo.